

APRESENTAÇÃO

Na edição número 20, a Revista Palimpsesto propõe, a partir do tema do **Dossiê** - **“A Literatura Fala de Si”** -, reflexões sobre o fazer literário que se coloca como questão. Abrimos o dossiê com um trabalho de pensamento teórico consistente mobilizado a partir da leitura da obra **O Museu do Romance da Eterna**, de **Macedonio Fernández**. Ressalta-se aqui e em outros artigos, como **A narrativa por um fio: aspectos metaficcionais no conto As babas do diabo e Memória e meta(ficção) em Slaughterhouse-five e Dom Quixote de la Mancha**, a constatação de que certa autorreflexividade e anti-ilusionismo característicos de obras do século XX e XXI consideradas modernistas ou pós-modernistas, vão ao encontro de momentos inaugurais do romance moderno - nomeadamente **Dom quixote** e **Tristan Shandy**. O que se mobiliza neste resgate é uma ressituação da pretensão ‘realista’ em arte, em oposição a um ilusionismo figurativo - baseado no enredo e nos ‘efeitos de real’ (Barthes) - dominante no romance do século XIX. A discussão em torno do problema da mimesis na literatura traz à cena a distinção conceitual feita por Luiz Costa Lima entre mímese de produção e mímese de representação.

Nos artigos **Paludes e Mon coeur mis à nu: uma aproximação entre Charles Baudelaire e André Gide através da noção de mis en abyme**, **Serge Doubrovsky e sua reescritura da Recherche: o romancista à luz da própria crítica** e **A encenação da escrita em Sérgio Sant’anna** são trabalhados procedimentos de que se vale a literatura quando fala de si mesma: *mis en abyme*, paródia, e até mesmo autoficção. Já o artigo **“Então eu grito”**: encontro entre narrador, personagem e leitor em **A hora da estrela** parte da exposição de um panorama crítico-conceitual acerca das noções de metaliteratura e metaficção para depois se deter sobre os procedimentos específicos do romance de Clarice Lispector. Entre cartas, entrevistas e poemas, o artigo **Drummond e a estratégia de negação** trata da autonegação como via de persistência na escrita do poeta mineiro. Fechando o dossiê, temos a leitura de um conto de Oscar Wilde, em que novamente a paródia se apresenta como recurso de autorreflexão e autoironia, em toda a potência de um juízo amargo da literatura sobre a sua própria condição histórica.

Na seção **Estudos**, você encontrará um espectro de trabalhos que abrange, por um lado, artigos que desenvolvem uma análise da conjuntura de recepção de uma obra (*Marques de Carvalho na história literária de José Veríssimo e Rubem Fonseca e o poder de revelação simbólica: uma apreciação do campo literário brasileiro*), ou de atuação política de um escritor (*A perspectiva política de A. P. Lopes de Mendonça nas páginas da Revolução de Setembro*), por outro lado, artigos que se atêm à análise de uma obra literária (*O pano que desvela a palavra em abismo: a ruína do dito e da ação em Fim de partida, de Samuel Beckett, "Pathosmorphose": representações de imagens corporais na parenética de Antônio Vieira, A modern penelope: the narrator in Margaret Atwood's The peneopiad, e "De todo modo, a emoção": interrogações sobre Arte Tempo, de Vergílio Ferreira*).

Trazemos, ainda, nesta edição, uma entrevista com a professora e escritora indígena Graça Graúna. Com sua forma de ver e de ler o mundo, ela nos apresentou um pouco do universo ameríndio. Conversamos sobre o crescimento de obras de autores indígenas no mercado editorial, a luta pelos direitos indígenas e a importância da lei 11.645/08, que torna obrigatório o estudo da história e da cultura indígenas nas escolas.

Boa leitura!

OS EDITORES